

FILOSOFIA, HISTORICIDADE E TRANSISTORICIDADE

André Haguette

A crônica filosófica relata que ao tomar posse da cadeira de filosofia do Liceu de Toulouse o conhecido filósofo Jules Lachelier começou a sua aula inaugural por estas palavras: "O que é a filosofia? Não sei", palavras que provocaram a ironia de toda a cidade provinciana.¹ Sem dúvida, ninguém na cidade sabia responder à pergunta; mas que um ilustre doutor em filosofia, pago para ensinar esta ciência, apresentasse uma tal ignorância parecia um escândalo, um contra-senso e ridicularizava até a própria ciência filosófica. Mas, de fato, quem se mostrou mais ignorante, a platéia ou Jules Lachelier? Por esta confissão escandalosa, o filósofo situava realmente o conhecimento filosófico no seu verdadeiro lugar, levantando a sua congênita ambigüidade e seu caráter de processo contínuo de totalização. Jean-Paul Sartre na Introdução à sua *Crítica da razão dialética* escreveu: "A Filosofia aparece a alguns como um meio homogêneo: os pensamentos nascem nêle e morrem nêle, os sistemas nêle se edificam para nêle desmoronar. Outros consideram-na como certa atitude cuja adoção estaria sempre ao alcance de nossa liberdade. Outros ainda como um sistema determinado da cultura. A nosso ver, a Filosofia não existe sob qualquer forma que a consideremos, esta sombra da ciência, esta eminência parda da humanidade

(1) L. Brunschvicg: *Héritages de mots, héritages d'idées*, Paris, 1946.

não passa de uma abstração hipostasiada. De fato, o que há são filosofias; ou melhor..., em certas circunstâncias bem definidas, uma filosofia se constitui para dar expressão ao movimento geral da sociedade...”² É que a filosofia como a consciência que ela tenta objetivar e expressar acompanhando o seu desenvolvimento de uma maneira mais ou menos adequada e feliz, e por isto de uma maneira sempre parcialmente verdadeira e parcialmente falsa, é uma tarefa infinita e não a unidade passiva e já acabada do Saber.³ O Saber (nas ciências exatas) existe provado e comprovado. Ele está todo aí na sua formulação conceitual e simbólica, nas suas leis sempre verificáveis e sempre repetíveis através de experimentos cuidadosamente preparados. O Saber existe, seguro, estabelecido, cheio. A tarefa filosófica não existe. Não é. Ela há de se fazer através de mediações (reflexões, conceituações, filosofias) sempre imperfeitas e superáveis pois é infinita. A tarefa existe precisamente como projeto. Ela é, por assim dizer, vazia, sem conteúdo, privada de verdade. Ela existe como um vazio chamando o cheio. Vamos dizer então que o projeto filosófico, que encaramos como necessário acompanhamento objetivo do projeto consciencial (i.e. da consciência como tarefa e então como projeto) não existe, que ele é meramente ilusão? Muitos o pensam considerando como real e existente unicamente o cheio, o totalmente dado, atualizado, presente, o estático.⁴ É esquecer a realidade fundamental de nosso universo que é a evolução, o crescimento progressivo, conflituoso e harmonioso ao mesmo tempo, para projetar nas coisas uma aspiração do espírito: a identidade, a unidade atualizada, a

(2) Jean-Paul Sartre, *Questões de método, Critique de la Raison dialectique*, NRF, Gallimard, 1960, p. 15. Tradução brasileira *Questões de método, Difusão Européia do Livro*, São Paulo, 1967.

(3) *Ibidem*, p. 16.

(4) Os cientistas positivista e o filósofos racionalistas caem neste erro desconhecendo a validade do conhecimento dialético sempre em movimento para acompanhar o movimento contínuo de auto-realização do homem e da sociedade que não é nada senão a objetivação da interioridade específica do homem, objetivação sempre superada e retomada, sempre repetida e criticada. Para nós, estes pseudopensamentos “científicos” operam a redução do nível humano ao nível natural. Eles negam a qualidade própria e diferencial do fenômeno humano e das suas obras sem o reconhecimento da qual não pode haver senão uma mutilação do humanismo. Reduzir o humano ao natural é negá-lo. O próprio filósofo citado aqui, J. P. Sartre, se deixa envolver neste erro mas de uma maneira sutil quando considera a consciência (o “para-si”) como neantização reconhecendo apenas ao “em-si” a solidez do ser.

coincidência. Com efeito, os sêres de nosso universo, da matéria a mais elementar à mais complexa, estão envolvidos num processo gradativo de maturação, numa gigantesca derivação do simples ao complexo. O Tempo é condição necessária para o surgimento e o desenvolvimento dos sêres. O movimento habita a natureza das coisas, como a sua lei mais íntima. O ser nasce, após uma preparação suficiente, repleto de possibilidades que caracterizam sua condição e seu desenvolvimento posterior. O ser não é sòmente o que êle é no instante atual como também o que poderá vir a ser num esforço contínuo de superação de seus estados sucessivos. Por isto, não podemos privilegiar ingênuamente o estático contra o dinâmico menosprezando a gênese e devemos afirmar que o existir como possibilidade de superar a sua situação presente, o existir como projeto, abertura, eterno vir-a-ser, é a única maneira de existir dentro de nosso cosmos. E mais ainda. Êste dinamismo, esta criação constante representa maior riqueza e não uma pobreza. O ser mais rico é aquêle em que se encontra a maior margem de indeterminação, que é capaz de maiores desenvolvimentos. A determinação traz a pobreza e a morte a curto prazo; a indeterminação, a vida e a libertação. Aliás é por isso que se define corretamente no pensamento social, econômico e médico, o pobre, o subdesenvolvido e o doente como sendo aquêle que tem possibilidades reduzidas, ou negativamente, como aquêle cujas várias possibilidades lhe são fechadas. O pobre não pode comer e se vestir bem, não pode se educar, não participa da vida social e política, vê seu poder aquisitivo limitado. O país subdesenvolvido não pode aspirar à riqueza, à tecnologia, ao poder atômico, não pode decidir por si próprio. O doente por sua parte não pode levar uma vida normal, trabalhar, pensar, divertir-se. Seu mundo é mais ou menos fechado segundo o grau mais ou menos pronunciado de sua pobreza, doença ou do seu subdesenvolvimento. O limite é o esmagamento, a parada, a morte: a ausência absoluta de possibilidades.

Assim, dizer que a ciência filosófica não é um saber constituído e definitivo mas uma tarefa, uma tentativa sempre retomada e superada de constituir êste saber, horizonte sempre fugitivo, não a infirma nem a invalida. Ê restituir-lhe a

sua verdade original. Estas observações se aplicam de fato a qualquer conhecimento e ciência elaborados pelo homem. Se a ciência dita exata (matemática, física, química etc.) e sua aplicação, a tecnologia se apresentam com maior segurança e podem dar resultados quase definitivos e por isso provocar, num século positivista, mais respeito e entusiasmo do que as ciências ditas sociais ou humanas e a filosofia, é por serem o seu objeto e a maneira como o encara mais determinados, por terem menos "subjetividade" e possibilidades, sujeitando-se com maior facilidade à medida e à formulação de leis. As ciências humanas e a filosofia estudando o homem e a totalidade do real nos seus aspectos mais subjetivos e indeterminados: ação, interação (socialização), consciência (conscientização), liberdade (libertação) etc., só podem apresentar um grau maior de inacabamento. Em vez de falar em filosofia, dever-se-ia falar em processo filosófico, deixando assim mais claro o movimento contínuo de afirmação e superação da afirmação numa afirmação mais ampla que a própria vida da ciência filosófica. O projeto filosófico nasce de uma contradição: o filósofo pretende dar a última palavra sobre o real; no entretanto, esta última explicação lhe é sempre negada já que o real se renova sempre. Viver esta contradição com honestidade, eis o que possibilita e dinamiza a filosofia.

O DISCURSO FILOSÓFICO E O HOMEM

Aqui uma observação se impõe: embora o discurso filosófico não seja única e somente um discurso sobre o homem, uma antropologia, os dois discursos quase se confundem. Explicaremos este paradoxo:

Se tomarmos qualquer manual ou dicionário de filosofia, leremos afirmações semelhantes a estas: o objeto da filosofia é o ser, a totalidade do real. A filosofia investiga tudo o que existe e pode existir em busca de uma explicação total. Ela busca fornecer uma explicação ao fato de existir e por isto nada escapa ao seu olhar. Tudo é objeto da filosofia não enquanto biológico ou mensurável ou químico... etc. mas enquanto tudo que se deixa descobrir no mundo existe. A filo-

sófia abrange todos os seres passados, reais, possíveis no seu aspecto mais geral e primeiro: o fato de existir ao invés de não existir, o fato de aparecer ao invés de não aparecer. “Por que há simplesmente o ente e não antes o nada?” Eis a questão, certamente não se trata de uma questão qualquer. “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” — essa é evidentemente a primeira de todas as questões. A primeira, sem dúvida, não na ordem da seqüência cronológica das questões.⁵

A filosofia então não se restringe a querer explicar o “como” de certos fenômenos (realidades que aparecem) mas o porquê da existência de todo fenômeno e dos fenômenos no seu conjunto. O que ela procura no entretanto é um sentido, uma significação que poderíamos formular assim: qual o sentido dos seres e do mundo?

O homem se encontra então englobado na procura fundamental da filosofia. Ele é um dos interrogados pois é uma das testemunhas do ser; ele é uma maneira de viver o ser, sem dúvida uma maneira privilegiada mas nem por isto a única maneira. Em vez de constituir o ser o homem surge ao ser, à existência, como um elemento integrando uma totalidade mais vasta que o engloba.

Mas nesta busca da significação da existência do mundo (a palavra mundo aqui é tomada no sentido da totalidade dos existentes) não se pode esquecer que a pergunta do porquê é feita pelo homem (tanto a pergunta como a resposta interessam somente ao homem como condição de possibilidade de tornar sua presença no mundo do real significativa) e é respondida pelo homem e unicamente por ele. Segundo as palavras de J. P. Sartre “o homem é o questionador, a questão e o questionado”. Por onde se descobre que o homem é o lugar onde se revela o ser.

Com efeito, antes do surgimento do homem no universo, havia existentes mas não havia procura de um sentido geral deste mundo. A explicação significativa não interessa a não ser a um ente que põe em questão a sua existência. O sentido das coisas é irrelevante para qualquer ente “inferior” ao

(5) M. Heidegger. Introdução à metafísica, Edição Tempo Brasileiro Ltda. Rio, 2.^a edição, 1969, p. 33.

homem: êstes sêres se contentam em viver. Eles não têm o poder de se distanciar da sua existência para, num segundo momento, duvidar dela. As suas necessidades de sobrevivência são tão prementes que não lhes deixam tempo para questionar a sua existência e a dos outros. Eles estão totalmente ocupados em viver, em estar no mundo, não têm liberdade face à sua existência. O homem não. O homem vive diferentemente. Ele é de uma maneira especial. Não se satisfaz em viver, em estar no mundo, a vida não preenche a sua existência, mas ainda precisa saber por que êle vive e está no mundo. Tudo se passa como se a natureza humana do homem não o "naturasse" totalmente, absolutamente, não o definisse por completo. Por "algo dêle mesmo" o homem escapa a sua natureza, toma uma distância face a sua existência e a questiona para saber se ela vale ou não: se é melhor ser ou não ser.

Assim o homem embora se encontre englobado no ser, como um dos sêres, ultrapassa o ser pondo-o em questão e julgando-o. Ele põe em questão o ser nos sêres e na sua própria existência genérica (a humanidade) e individual. Daí vem que a filosofia possa ser interrogação sôbre a totalidade do real, as coisas, a humanidade e o próprio indivíduo humano. Importa frisar bem que, se o homem elabora uma pergunta sôbre os outros sêres que não são êle, sôbre o mundo total, êle não o faz gratuitamente ou de uma maneira abstrata. Não pergunta por perguntar. Ele o faz porque precisa para viver humanamente e ser feliz, porque precisa para dar uma resposta a sua presença no mundo, como já dissemos. A sua interrogação e conseqüentemente a sua busca não são desinteressadas mas sim provêm da condição do homem; o seu pensamento é interessado, engajado. Ele se engaja tanto na pergunta como na resposta; ambas têm um sentido prático para êle. Trata-se de se justificar diante de si próprio. Se êle interroga e busca é porque a sua realidade não vai por si mesma, mas precisa ser interpretada e explicada. O homem é então o existente que põe em questão o ser no seu ser e põe em questão o ser para dar uma resposta a seu ser.

No fundo, o homem vive atravessado por uma insegurança originária, a insegurança da sua própria existência no mundo. Não sente que cabe bem no mundo, que é adequado

ao mundo e o mundo a êle. Êle se descobre ao mesmo tempo “colado” e “descolado” do mundo, dentro e superior, mundano e transmundano. Tem o poder de se pronunciar sôbre a validade do mundo como sôbre a sua não validade. Descobrimo-se jogado, lançado, situado no mundo, êle pode, de um certo modo, vingar-se uma vez que se reserva o direito de dar a última palavra: eu assumo minha presença no mundo ou a nego.

Mas quem vai responder à interrogação do homem? Qual o ser capaz de entender a colocação e entrar em diálogo para conquistar a solução? Êle mesmo e sòmente êle. O homem pode interrogar a totalidade dos sêres mas a resposta só poderá vir dêle mesmo. Não há um outro ser capaz de tomar a liberdade de questionar como não há um outro capaz de responder. Por isso o homem é duplamente (e triplamente se se considera que êle também é interrogado) privilegiado: êle lança a pergunta e êle mesmo dá a resposta. Êle exige uma revelação do ser e êle mesmo o revela no seu ser e no dos outros. Compreendemos melhor agora por que Heidegger dizia que o homem é “o lugar onde se revela o ser”, entendemos o lugar onde aparece — ou pelo menos pode aparecer — o sentido das coisas e do mundo na sua totalidade. Êle é caminho obrigatório na procura de uma significação para êste mundo.

Ê que uma significação só faz sentido para um tipo especial de existentes: o existente inteligente. O mundo em si e para si não exige e não tem sentido. Pelo contrário, toma o sentido, faz sentido ou não para o homem. Perguntar qual o sentido de uma coisa é querer saber o que um ser inteligente pode fazer com ela. Tomemos um exemplo. A montanha que existe diante de mim é o que ela é: uma elevação rochosa, coberta de uma vegetação abundante, quase chegando às nuvens. Ela está friamente, “bobamente” aí. E só. E só, se não houver uma consciência para dar-lhe um sentido, para fazer dela alguma coisa, para aproveitar a sua presença e suas possibilidades. Ela passará a ser significativa para o geólogo e o minerólogo que vão querer se apossar dela para estudar a formação da terra ou descobrir minerais que servirão ao homem. Para o artista ela será bela, para a criança a

possibilidade de brincar subindo e descendo a correr. Em si, a montanha nem desce nem sobe mas é descida ou subida para um ser inteligente que vai querer descer ou subir. Assim é o homem que anima as coisas para dar-lhe um sentido. Sem êle — ou sem qualquer outro tipo de inteligência — as coisas são pròpriamente insignificantes.⁶ Podemos afirmar então que o mundo sem o homem não tem sentido; êle só faz sentido para o homem, inteligência consciente que cria o sentido das coisas.

Daí o lugar privilegiado do homem na natureza. Claro, o homem embora criador de sentidos, vê a sua possibilidade de criação de sentidos limitada e orientada pelo que as coisas são: a natureza de uma coisa, da montanha no nosso exemplo, não se presta a qualquer sentido que o homem queira lhe dar. O homem nunca poderá fazer da montanha uma pista de aterrissagem supersônica. O homem deve descobrir nas coisas as suas possibilidades e o que poderá fazer delas. A natureza das coisas limita o poder criativo do homem. Além do mais, o homem pertence ao mundo, êle é um dos objetos do mundo pois os outros sujeitos podem utilizá-lo numa certa medida para realizar seus planos. Mundano ao mesmo título que as outras realidades do mundo, o homem por outro lado escapa a esta mundanidade e se afirma como sendo-lhe superior.

Ê que o homem, nas palavras de Teilhard de Chardin, é centro de perspectiva e centro de construção.⁷ Centro de perspectiva em relação a si mesmo já que “quer queira ou não, o homem encontra-se e olha-se a si próprio em tudo o que vê”. Elaborando a questão sôbre o mundo, o homem se encontra presente na resposta: há um pouco dêle em tudo o que o homem conhece uma vez que “o objeto e o sujeito aliam-se e transformam-se mùtuamente no ato de conhecimento”. Há sempre uma dose de subjetividade na percepção que o homem tem do mundo. A resposta que o homem encontra a sua busca inicial é sempre, de qualquer maneira, a sua resposta. O sentido é sempre o sentido que o homem consegue dar às coisas. Isto representa uma limitação, sem dú-

(6) Deixamos de lado aqui a questão de saber se existem ou não outras inteligências, como Deus, por exemplo.

(7) Pierre Teilhard de Chardin. O Fenômeno Humano, Herder, São Paulo, p. 6 e 7.

vida. Mas limitação contrabalançada e corrigida pelo fato de o homem ser o lugar onde o universo se estrutura, se organiza e se torna significativa. Foi por isto que pudemos afirmar antes que sem o Homem o mundo é insignificante: êle está aí e só. Êle está situado numa posição tal que só nêle há uma convergência significativa das linhas do mundo. No ponto singular homem, o mundo se constrói de tal maneira que podemos chamá-lo de centro de construção.

Constatando que nada "se revela" fora do homem, compreendemos melhor por que "o discurso sôbre o homem não é um setor particular dentro do discurso sôbre a filosofia ou do discurso da filosofia mas deve aparecer como o princípio e a "arché" de qualquer pensamento humano. Responder à pergunta: o que é o homem? eis, podemos dizer, os prolegômenos de qualquer filosofia, já que esclarecendo esta questão, esclarecemos de uma vez o único fundamento que dá ao pensamento sua certeza e sua verdade".⁸ Filosofar então não é sômente investigar sôbre o homem mas sôbre a totalidade do real, sem deixar nenhum existir do lado de fora. Mas para realizar êste projeto faz-se mister partir do homem e voltar ao homem dando-lhe ou recusando-lhe uma significação. Eis por que Albert Camus pôde escrever que "o único problema filosófico sério é o suicídio". O homem deve ou não se suicidar.

DO PRÉ-REFLEXIVO AO REFLEXIVO

Assim, deve-se aos filósofos e à filosofia uma melhor compreensão do mundo-do-homem e da condição humana através dos seus esforços para apreender o homem de uma maneira original, enquanto êle não é "nem um reflexo das coisas nem um espectador fora delas mas uma *presença* pela qual se incorpora ao mundo (se mundaniza) e age o mundo".⁹ Sem dúvida não é preciso ser filósofo nem ter preten-

(8) J. Y. Jolif, *Comprendre l'homme, introduction à une anthropologie philosophique*, Éditions du Cerf, Paris, 1967, p. 287-290.

(9) Gabriel Madinier, *Conscience et signification*, Presses Universitaires de France, Paris, 1953, p. 36-37.

sões filosóficas para incorporar-se ao mundo e agi-lo. Qualquer sujeito espiritual pelo simples fato de existir, de estar-no-mundo goza desta presença específica e privilegiada. A vida dos filósofos não é diferente da vida, em tôdas as suas implicações ônticas, de qualquer joão-ninguém. O que é diferente é a consciência destas implicações e a maneira de vivê-las. Poderíamos dizer que qualquer existência humana é filosófica pela densidade e complexidade ôntica que ela contém, pela sua situação no mundo embora muito raramente esta filosofia seja explicitada e tematizada numa objetivação rigorosa e compreensiva. É que se distinguem dois níveis ou momentos na maneira de o homem viver a sua presença no mundo, níveis inteiramente coextensivos e interligados, o segundo sendo o aperfeiçoamento qualitativo do primeiro. No primeiro momento o pré-reflexivo, a realidade total do homem é vivida mas não descoberta, "revelada", o que acontece no nível reflexivo, ou segundo nível.

Com efeito a maioria dos homens vive uma existência superficial, espontânea, uma vida que não desenvolve os seus últimos e mais preciosos recursos, que não toma consciência de si própria, que não se explicita nem se explica a si própria. Estes homens se contentam em viver "vegetativamente" sem nunca ou muito raramente deixar surgir à superfície uma admiração ou dúvida sôbre a sua vida capaz de desencadear um processo de interrogação prôpriamente filosófica. Eis a situação trágica do homem: ser consciente e reflexivo, êle é capaz de passar uma vida inteira sem consciência nem reflexão realmente profundas e sérias, sem acordar para uma "vida ao segundo grau" que é a vida plenamente humana.

O nível pré-reflexivo é então o nível das implicações prôfundas da realidade humana escondidas, vividas mas não refletidas e assumidas livre e conscientemente. O homem nasce e cresce, faz o que há de fazer como lhe indicam os seus genitores, educadores e a sociedade de uma maneira geral. Êle toma pé no mundo e na sociedade e desempenha o papel que lhe é designado, tudo *normalmente*. Criança ainda, aprende a falar e a elaborar raciocínios, a brincar, a conviver com os outros. Êle assimila passivamente a cultura, as normas, valôres e preconceitos da sua classe social. Mais tarde êle traba-

lhará, amará, chorará e sofrerá; passará a criar projetos e esperanças; sonhará. Social, êle terá atitudes, comportamentos sociais e políticos. Êle se divertirá. Enfim, o homem pré-reflexivo tem uma vida igual a tôdas as outras, êle não se diferencia em nada, tendo atividades e ações naturais de uma vida de homem. Inteiramente normal, êle não desenvolve o sentido da anormalidade que vive nêle adormecido ou atrofiado.

No entretanto, assim vivendo, o homem deixa passar o melhor dêle mesmo, a consciência e a liberdade, a autoconsciência e a autodeterminação. Êle vive a sua vida de homem mas não a vive humanamente, para retomar uma distinção clássica, pois não se decifra a êle mesmo e não se assume realmente. Ê que além de nascer, falar, trabalhar, amar, sofrer, pensar, guerrear etc., o homem verdadeiramente humano deve saber, compreender e assumir orientando-a, sua vida, quer dizer sua fala, seu trabalho e amor, seu sofrimento, sua guerra e seu divertimento. O homem tem a capacidade realmente específica à sua condição não somente de existir e agir mas de voltar sôbre esta existência e êste agir para desvendá-los e "vê-los". O homem, como foi dito e redito, é capaz de saber que sabe, de compreender que ama e por que ama, luta, deseja. Eis a especificidade da sua animalidade (uma animalidade plus-animalidade) e quem não atinge êste nível por recusa pessoal ou porque não lhe foram dadas condições para isso, não é verdadeiramente homem; êle é, com tôda a força da palavra, subdesenvolvido.

Não queremos dizer que de fato existem homens que passam a sua vida inteira sem nunca ultrapassar o nível da consciência pré-reflexiva ou espontânea, mesmo esporadicamente. Que tais pessoas existem ou não, esta discussão não importa aqui.¹⁰ A nossa descrição serve teoricamente para mostrar a existência dos dois planos, o pré-reflexivo e o reflexivo, para depois dizer que o verdadeiro esforço filosófico consiste no esforço contínuo para chegar a esta vida reflexiva e assim elucidar a complexidade ôntica do homem. Achamos todavia que o homem custa a alcançar o nível reflexivo e

(10) Pensamos que tais homens não existem. Qualquer um tem pelo menos esporadicamente momentos de reflexão profunda.

sobretudo a nêle se manter. Poucos homens vivem reflexivamente; daí a necessidade de criar uma ciência encarregada de revelar o homem ao homem; daí o papel preciso dos filósofos na sociedade. Se fôsse o contrário, a filosofia seria simplesmente o lugar da coleta das reflexões feitas — seria unicamente história da filosofia — e os não iniciados ao entrarem em contato com ela não sentiriam o impacto de entrar num mundo nôvo, perturbados em notar a sua incapacidade de “filosofar” isto é “pensar reflexivamente” ou na linguagem de Gabriel Marcel passar da reflexão primária à reflexão segunda. O que dificulta o estudo filosófico não é sòmente nem sobretudo o linguajar esotérico e bárbaro dos filósofos mas sim a ausência de uma vida pessoal reflexiva.

A filosofia existencialista, desde Pascal, desenvolveu com muita perspicácia o tema do divertimento, o qual divertimento impede ao homem chegar ao nível reflexivo. O homem por mêdo de se encontrar com êle mesmo, de sentir a sua verdade trágica, evita o pensamento reflexivo e se diverte (se ilude, se aliena) em outras atividades. Deixa o ser para se procurar até se envolver por inteiro no ter, diria Gabriel Marcel, deixa de lado o mistério para ater-se ao problema. Desta maneira, êle tem uma vida inautêntica, superficial, periférica que incomoda menos e deixa subsistir uma doce ilusão: a ilusão da vida fácil, da vida tôda resolvida. Isto justifica a afirmação que uma conversão é necessária para ingressar na vida reflexiva e nela se manter. Converter-se quer dizer deixar o mundo até então valorizado para ingressar num mundo desvalorizado errôneamente. Uma tal descoberta do valor fundamental — humano — da vida reflexiva geralmente acontece quando uma experiência de vida (dor, decepção, fracasso) vem quebrar o mundo fechado do divertimento para mostrar a sua insignificância e falsidade.

A primeira conclusão destas reflexões é que filosofar é passar de uma vida divertida, superficial, espontânea, pré-reflexiva a uma vida profunda, crítica e reflexiva. A tarefa da filosofia conseqüentemente é de refletir, de pensar o homem e seu mundo, ou melhor, numa fórmula mais rica, o-mundo-do-homem, para desvendar tôda a densidade e o pêsso ônticos do existir e do agir do homem. Não é de estranhar então que

qualquer homem tenha uma filosofia mais ou menos formulada, mais ou menos coerente e mais ou menos completa. Quando ao longo da sua vida o homem questiona a sua presença no mundo e o próprio mundo e procura uma resposta, êle está se iniciando na filosofia e continuando, sabendo ou não, o itinerário milenar da filosofia. A filosofia então não se reduz aos grandes nomes e às grandes obras da sua história; pode haver "mais filosofia" porque pode haver mais verdade nas reflexões de um leigo que tenta viver conscientemente a sua vida, voltando-se para as camadas mais profundas de seu ser. Os grandes nomes da história da filosofia são apenas aquêles que conseguiram expressar com mais profundidade e mais coerência a problemática do ser e do homem. Além do mais, a filosofia como ciência não é de todo diferente desta filosofia que o homem reflexivo pode expressar sem nenhuma pretensão "filosófica"; ela somente oferece um instrumental (métodos, regras, lógica) aprimorado capaz de oferecer mais coerência e mais rigor às reflexões. A ciência, como se sabe, se distingue do conhecimento vulgar, por seu método de investigação, sendo êle rigoroso, lógico, coerente e por isto oferecendo maior certeza. Poderíamos afirmar que tôda a história da filosofia existe de uma maneira latente em cada homem; nêle se encontram as perguntas radicais e os problemas eternos da filosofia e nêle também a possibilidade de reformular todos os caminhos seguidos pelos filósofos na esperança de vislumbrar caminhos de soluções.

A segunda conclusão à qual chegamos diz respeito à natureza da filosofia: ela não inventa, não cria, no sentido de produzir algo nôvo, como no caso das "invenções" científicas. Ela não faz existir o que não existia anteriormente. A filosofia cria no sentido de descobrir o que já existia mas de uma existência desconhecida do homem, um pouco como se fala do descobrimento do Brasil em 1500. Esta grande terra existia antes do descobrimento, mas o mundo europeu o ignorava; com o descobrimento, o Brasil passou a existir para o mundo ocidental de então. A filosofia revela como se revela um segredo; desvenda, torna claro o confuso, explícito o implícito. Em outras palavras, ela não inventa mas inventoria. Ela não cria uma realidade nova, mas faz passar à existência

consciente para o homem o que existia de uma maneira silenciosa. Isto quer dizer que tudo já está dado no nível pré-reflexivo mas não está conscientizado, nem dito, formulado. A filosofia apenas vem objetivar através do conceito e do sinal a existência em si. A novidade que a filosofia produz é uma realidade consciencial, intencional, ideal.¹¹ A descoberta filosófica é teórica. Aí reside o seu valor e a sua especificidade. Podemos então qualificá-la de processo de conscientização no sentido de aumento ou elevação do conhecimento reflexivo do homem; na medida em que o homem reflete, fica êle consciente de "realidades reais" e não somente ideais até então desconhecidas. A consciência vem abranger um real maior. O homem fica ciente de sua realidade; êle toma consciência de sua verdade. A filosofia cria verdade e não realidade, fenômenos ideais e não "nômenos".

A partir daí podemos qualificar o processo filosófico de circular. Estabelece-se um círculo entre o pré-reflexivo dado e vivido e o reflexivo, encontrado: parte-se do vivido pré-reflexivo desconhecido para, na reflexão, tentar decifrá-lo e voltar-se a êle revelado. Não se trata portanto de um círculo vicioso; no intervalo da primeira percepção do vivido e da sua segunda afirmação houve explicitação, houve descobrimento e aumento de consciência, houve verdade. O homem que reflete volta a viver o seu engajamento concreto de uma maneira mais autônoma, êle pode dominar o seu ser e assumi-lo embora não possa transformá-lo por completo. O homem por saber que é um caniço esmagado, segundo a expressão de Pascal, não deixa de ser esmagado mas pelo menos toma posse da sua única grandeza: a consciência.

Ao afirmar que a filosofia é uma obra teórica será que afirmamos que ela está condenada a interpretar o mundo sem nunca transformá-lo? Esta pergunta obriga a uma análise das relações entre o teórico e o prático. Uma primeira observação se impõe.

Caracterizando a filosofia por um processo circular de explicitação não saímos da vida e da atividade. Temos a vida e o real-prático no comêço e no fim da dinâmica reflexiva.

(11) Analisaremos em seguida se esta criação intencional fica para sempre imamente ou se ela volta a agir sobre o real. Em outras palavras, se a filosofia é meramente teórica ou se ela modifica o real.

Esta não é elucubração teórica e abstrata no sentido de uma invenção mas apenas o reconhecimento pela inteligência das condições ônticas que explicam a vida. A teoria que é abstração não é paralela à vida e à atividade mas sim complementar; ela torna a vida luz para o ser inteligente e por isto a sua veracidade deve ser julgada pela própria ação que ela quer explicar. Se uma teoria torna a vida mais bela e mais alegre, se ela proporciona mais amor e uma ação humana mais eficaz, ela é verdadeira. Aceitamos totalmente o princípio que afirma que a teoria se verifica na atividade e na ação. A validade de uma teoria — de qualquer modelo teórico, seja êle filosófico como científico — se julga, paradoxalmente, por aquilo mesmo que procura explicar a existência, a vida, o agir, o ser. Considerando o ser como dinâmico, deve-se acreditar na verdade de uma teoria unicamente quando ela proporciona uma maior união, pois ser mais é unir mais. Não há então abismo entre teoria e prática, mas dois momentos necessários de um só comportamento integral. Com efeito o comportamento humano exige para acertar e ser autenticamente humano um momento de “engajamento comunitário” e um momento complementar de “desprendimento reflexivo”; de outra forma teremos um comportamento de homem e não um comportamento humano segundo a distinção citada e aceita. “Ver” melhor é condição necessária para agir melhor e conseqüentemente ser mais. Interpretar o mundo não tem sentido sem agir e transformar o mundo tanto antes da elaboração da interpretação como após, a interpretação sendo unicamente o intervalo entre dois agires e sendo ela mesma uma atividade do sujeito. É isto que o bom senso popular percebe quando ridiculariza uma pessoa que não consegue viver o seu saber “êle tem idéias mas não as põe em prática”. Supremacia correta do agir sobre o saber. O homem se julga a partir do que êle faz e não do que êle sabe, pois, na liberdade culmina a grandeza do homem. E é igualmente por isto que o argumento filosófico que consiste em mostrar que a vida do filósofo contradiz o seu sistema, é válido. Um modelo teórico impossível de se viver é um modelo morto.

A nossa terceira conclusão concerne ao ensino da filosofia: se fôr verdade que tôda a filosofia existe em qualquer

homem de uma maneira latente e que é obra do pensamento reflexivo pessoal, é preciso concluir que o ensino filosófico deve visar a suscitar a vida reflexiva e não propor noções e sistemas a decorar. Não se aprende filosofia como se aprende botânica. Ela se compreende filosofando. Ela vem de dentro para fora, ela e todo o seu conteúdo: existência, liberdade, Deus. Ela não é um sistema mas a pergunta que o homem é no mundo em etapa de elucidação. Em outras palavras, o surgimento da problemática é primeiro, segundo são as noções e sistemas, simples instrumental e balizas na caminhada infinita e dialética para a solução da interrogação. Não se deve ensinar tão-somente a filosofia mas sim educar para a vida reflexiva, espécie de vida de segundo grau. Os grandes mestres são aqueles que, pela sua vida intensa, fizeram refletir os discípulos. Não é que não se deva levar ao conhecimento dos estudantes os grandes sistemas com as suas noções-chaves e estudá-los objetiva e detalhadamente, mas só se deve fazê-lo depois de ter feito "surgir" a problemática que pretendem elucidar. De outro modo, as filosofias ficam sem sentido nem interesse; são sistemas mortos e aos mortos ninguém deve dedicar a sua vida

REFLEXÃO SÔBRE A REFLEXÃO

Segundo o que foi dito, o ato de filosofar aparece ao crítico da filosofia como processo infinito de tematização do vivido, tanto do homem individual como do homem genérico. Esta tematização se faz através da reflexão. Mas, o que é a reflexão? Eis a pergunta que vai nos preocupar agora. Paul Ricoeur no seu livro *De l'interprétation* teve esta bela e feliz afirmação: "A reflexão não é a intuição"; "a reflexão é a apropriação do nosso esforço para existir e de nosso desejo de ser através das obras que testemunham êste desejo".¹² Tentemos, com a ajuda do próprio autor, esclarecer esta palavra.

Ao viver a sua existência pré-reflexivamente — isto é, maquinalmente, naturalmente, sem parar para explicitar o seu

(12) Paul Ricoeur, *De l'interprétation*, essai sur Freud, Paris, Seuil, 1965.

conteúdo e suas condições necessárias — o homem não se ignora totalmente. Ele possui uma apreensão de si e de seus atos. Ele se sabe unificado, toma consciência da sua relativa autonomia e da sua presença no mundo. Já no nível pré-reflexivo, existe como uma consciência elementar, digamos, primária, de si mesmo, da sua identidade e da sua unidade. Elementarmente o homem se percebe a si mesmo como agindo: ele sabe que é ele mesmo — ser unificado — que age e não um outro. Ele se distingue dos outros e se põe no mundo como um existente diferenciado e único. Há uma certa coincidência com ele mesmo embora esta atingirá o seu ápice com a reflexão segunda, quer dizer, com uma volta mais intensa e completa, mais demorada e explícita sobre as suas obras. Mas esta apreensão primária que traz uma certeza — a certeza que eu existo separadamente dos outros, com uma relativa autonomia, que eu tenho eu próprio como existência minha — é uma certeza quase que privada da verdade. Ela é uma certeza vazia por assim dizer, pobre porque sem conteúdo: ela não foi descoberta na sua plenitude, não foi explicitada. Ela é elementar, simples. O filósofo Malebranche dizia desta apercepção de si primitiva, que ela é um sentimento, isto é, que provém mais da sensibilidade e da vontade do que da inteligência. Jean Lacroix falará de crença que é uma adesão não inteligenciada, uma espécie de reflexo, de reação natural: a crença não vê as razões que a levam a aderir. Ela é quase que uma resposta imediata a uma situação existencial. Depois o homem poderá ver que há razões para aderir mas a crença não espera as razões para aderir. Precisamente a reflexão mostra estas razões percebidas *intuitivamente* pela crença, ou melhor, pelo homem que crê. O papel da reflexão será “mediatizar” esta adesão originária, natural e cega, e por estas mediações ela trará o *conhecimento* e com ele, a verdade. A apreensão de si e de seus atos deixará de ser “vazia” para ter um conteúdo: ela será uma idéia, um conhecimento. O homem saberá por que adere e por que age. Ele se compreenderá, mais ou menos completamente, a si mesmo. A tarefa da reflexão então — e da filosofia — consiste, por assim dizer, em permitir a consciência (conscientização) deste sentido original que o homem dá a sua existência pelo simples fato

de querer viver e agir. Ela consiste em dar um sentido (uma justificativa) a êste sentido primitivo.

O trabalho da reflexão revela ser então uma “reapropriação de nosso esforço para existir”, como disse Jean Nabert. Reapropriação certamente porque a “apropriação” já existia; agir é aderir a si mesmo, amar a si mesmo, concordar tácitamente com seu modo de existir. Preferir a vida ao desaparecimento, à morte. A reflexão revelará no tempo e na tematização — elaboração de um discurso — êste ato que se representa no instante. E como o conhecimento humano não é intuitivo, direto e imediato, êle se faz com o tempo.

O homem por ser no mundo, espacial e temporal, não tem, dada, uma compreensão de si. Êle deve “fazer” esta compreensãc. E por causa do “divertimento”, do apêgo necessário às coisas e aos outros, êle pode desviar sua atenção de si mesmo e quase esquecer a si próprio, esquecer o sujeito que vive e age os objetos e os outros para dar tôda a sua atenção a êstes objetos e aos outros. Agindo desta forma êle acaba sem se conhecer. Termina sem saber quem êle é e sem sequer saber quem são os outros na sua subjetividade enquanto sujeitos.

Afirmando a mesma coisa em palavras já utilizadas anteriormente dizemos que desta maneira o homem procura ter e possuir, se volta para o exterior que lhe dá uma sensação de acabamento e realização ficando sem saber o sentido do ter e afinal de conta se vale a pena ter e viver.

Para decifrar quem é êste sujeito que é, age e faz, a reflexão retomará as obras do homem através das quais o ser profundo do homem se manifesta. Ela retomará o amor, o trabalho, o sofrimento, a guerra... etc., para descobrir porque o homem ama, trabalha, sofre e guerreia. Ela fará uma leitura destas obras para tentar descobrir o seu sentido, a sua significação profunda. Como se vê, é impossível conhecer o homem no abstrato e nas especulações. O homem só se conhece a si mesmo nas suas obras e atividades que são “manifestações”. Manifestar é exteriorizar o escondido, o que não aparece imediatamente. O escondido no homem é seu ser, a sua realidade profunda e significativa. Não há acesso direto a êste ser; o filósofo deve utilizar caminhos indiretos que são

precisamente as obras-testemunhas do ser humano. Se o homem faz é porque é capaz de fazer.

Desta maneira, fica claro por que a reflexão à procura da estrutura significativa do homem é uma reflexão sobre a economia, a política, a arte, o pensamento, a guerra; a economia não é nada senão a manifestação que o homem necessita de criar relações de produção, de troca e de distribuição. O que interessa ao filósofo então não é tanto a economia, a política etc., como economia e política mas o homem econômico, o homem político etc.

De tudo isto resulta que o pensamento reflexivo é um pensamento relacional. Pensar não é nunca isolar, separar, desmontar como se desmonta um motor de automóvel. Pensar o homem é antes de tudo perceber as suas relações básicas e estruturais. O que deve chamar a nossa atenção aqui é a multiplicidade das obras do homem. É que a riqueza do homem o obriga a se manifestar gradativamente em obras diversas: o econômico não traduz toda a riqueza do homem, nem o político, nem o artístico etc. Em cada uma destas obras o homem revela um aspecto de seu ser; a totalidade do homem só ficará explícita na unificação das suas múltiplas manifestações. Deve-se analisar por que o homem é ao mesmo tempo econômico, político, social, histórico, livre etc., ou, em outras palavras, descobrir a estrutura humana que unifica estas obras variadas pois todas são do mesmo homem.

Pensar o mundo e o homem é então situar o homem no mundo e o mundo no homem e nunca isolar um do outro. Pensar é descobrir uma significação e somente as relações são significativas. Na história da filosofia esta verdade se destaca claramente; sempre foi impossível pensar um aspecto do homem sem apelar para um outro. Assim, é impossível pensar a matéria sem o espírito, as necessidades sem a liberdade, a essência sem a existência, Deus sem o mundo e o homem. Devemos absolutamente conceber o homem como uma totalidade englobada numa totalidade maior que é o universo do ser. E numa totalidade cada realidade aparece como um momento, um elemento. A totalidade nunca se dá a não ser através dos elementos e os elementos nunca se deixam compreender a não ser em relação a esta totalidade que eles media-

tizam. A significação surge como a percepção clara de uma relação fundamental de tipo elemento-totalidade ou totalidade-elemento, processo global e momento dêste processo.

Por isto, o método filosófico aparece como analítico-reflexivo no seu ponto de partida, dialético no seu desenvolvimento e sintético no seu térmo. Com efeito, as reflexões acumuladas ao longo da história da filosofia e a psicologia mostram que cada fenômeno a ser explicado é imediatamente apreendido pela percepção e a inteligência como uma unidade, como uma harmonia de vários elementos. Assim, por exemplo, do conhecimento e do trabalho, o primeiro sendo a unidade do sujeito e do objeto, o segundo a do sujeito e da natureza. Trata-se, então, no início da reflexão, de discernir os elementos que compõem esta unidade elementarmente apreendida e descrevê-los analiticamente para poder em seguida compreender melhor a sua natureza e as suas possibilidades. Depois deve-se ver como êles entram em relação: até que ponto êles se compenetraram ou se chocam e se contradizem para distinguirem-se. Geralmente a reflexão notará uma unidade e uma harmonia mantendo uma oposição e uma distinção ou mesmo uma contradição. O pensar dialético dará esta flexibilidade à reflexão, sendo um método para chegar a uma visão sintética que deixa surgir o sentido e a significação. Esforçar-se para compreender a totalidade do real é afirmar implicitamente que há uma unidade do mundo e da existência que torna o real significativo. E a unidade é a unificação de uma pluralidade. É por isto que o ponto alto de uma reflexão é a síntese. A análise como a dialética permitem chegar a uma síntese dinâmica, aberta e cheia de sentido.

A FILOSOFIA COMO TAREFA HISTÓRICA E INFINITA

Talvez ao terminar êste trabalho entendamos melhor por que a filosofia não é nunca um saber definitivo e acabado. Dizíamos que ela, como a consciência que expressa, é uma tarefa e uma tarefa sempre retomada e continuada, pois o real é demasiadamente rico para se manifestar de uma só vez ao espírito humano na sua totalidade; o real aparece e se revela, se constitui gradativamente no espaço e no tempo; êle

conta com o tempo. E por outro lado, o homem único ser-tes-temunha dêste desenvolver das coisas, único capaz de questioná-lo e de responder à sua própria pergunta, está envolvido no mesmo movimento progressivo de constituição e de "revelação do ser". Como seu ser à imagem da totalidade do real da qual participa, é, se atualiza e aparece constantemente, assim seu conhecimento é, se atualiza e aparece. Como, com efeito, imaginar que a consciência de um ser em movimento seja acabada e definitiva? Ela se constitui ao longo do desabrochamento do universo. Ao mesmo tempo ela é histórica e infinita. Histórica porque reflete a situação presente e o grau atual de manifestação do ser, infinita porque avança com o próprio avanço da história e é propriamente impossível assinalar um limite a êste avanço. A história caminha e caminha para sempre.

Não há motivo para escândalo então se as filosofias são sempre reflexos de momentos e situações históricas. Não pode ser de uma outra maneira. Elas não podem nem se subtrair aos determinismos presentes nem antecipar a consciência que o homem terá dêle próprio e do mundo no futuro. E contra esta limitação fundamental de nada serve a pretensão do filósofo de querer dar a última palavra; esta pretensão nunca se torna realidade (depois de uma filosofia sempre vem uma outra), mas deve ser vivida como pretensão e a êste título impulsionar a procura. Assim os filósofos passam e surgem mas a filosofia fica; ela é transistórica tanto na sua tarefa como no seu anseio, tanto no seu objetivo como nos seus problemas, expressão da transistoricidade do espírito do homem, mas histórica nas suas respostas, expressão da encarnação do espírito humano. O que não significa que a filosofia como ciência seja vazia de verdade mas que a sua verdade é sempre parcial, em devir. A verdade existe sem dúvida, mas não se possui, eis o que provoca a filosofia e a justifica e, ao mesmo tempo, nega a sua plena realização.